



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
POLO DE PIO IX
CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

GICÉLIA ANTONIA DE SOUSA

**A EFICÁCIA DO MÉTODO TEACCH NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO
AMBIENTE ESCOLAR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

PIO IX
2023

GICÉLIA ANTONIA DE SOUSA

A EFICÁCIA DO MÉTODO TEACCH NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO AMBIENTE
ESCOLAR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Especialização em Educação Especial e Inclusiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Teresina.

Orientador(a): Prof. Dr. Manuel Gonçalves da Silva Neto.

GICÉLIA ANTONIA DE SOUSA

A EFICÁCIA DO MÉTODO TEACCH NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO AMBIENTE
ESCOLAR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de conclusão de curso (Artigo)
apresentado como exigência parcial para obtenção
do diploma do Curso de Especialização em
Educação Especial e Inclusiva do Instituto Federal
de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí,
Campus Teresina.

Orientador (a): Prof. Dr. Manuel Gonçalves da Silva
Neto.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Manuel Gonçalves da Silva Neto.
(Orientador)
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Prof. Me Daniel de Jesus dos Santos Costa
Membro avaliador

Prof. Me. Camila Elizabete da Silva
Membro avaliador

A EFICÁCIA DO MÉTODO TEACCH NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Gicélia Antonia de Sousa¹
Prof. Dr. Manuel Gonçalves da Silva Neto²

RESUMO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é definido como um transtorno do desenvolvimento neurológico, que se caracteriza por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos estereotipados e/ou restritos. Atualmente, o processo de aprendizado de autistas na esfera educacional se configura como uma das principais problemáticas na educação inclusiva. Como alternativa para superar esse desafio, muitas metodologias são propostas a fim de propiciar um aprendizado adequado e eficiente para autistas. Uma dessas metodologias é o método TEACCH (Tratamento em Educação para Autista e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação), um programa de intervenção terapêutica educacional e clínico, fundamentado na organização e sistematização de tarefas a serem realizadas, de modo que o aprendizado das crianças seja mais eficaz e facilitado. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi identificar na literatura estudos que investiguem o emprego do método TEACCH na aprendizagem inclusiva de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. Assim sendo, o presente estudo utilizou como método uma revisão integrativa da literatura. A busca de dados se deu através da base de dados Google Acadêmico. As palavras-chave “práticas pedagógicas”, “inclusão”, “método TEACCH” e suas combinações foram utilizados na busca de dados. Após a coleta, os artigos foram analisados e foram selecionados apenas aqueles que atenderam ao objetivo deste trabalho. Mediante a análise dos artigos, foram selecionados 16 estudos que retravam o emprego do Método Teacch no processo de inclusão de alunos autistas e aquele que tratavam sobre como ocorre o processo de inclusão desses discentes no âmbito educacional e os entraves para a concretização desse processo, sendo um dos principais a formação de professores. O Método TEACCH é identificado como um recurso eficaz para estimular o desenvolvimento da linguagem de crianças autistas, resultando em impactos positivos na integração desses alunos na escola. Contudo, a pesquisa observa uma falta de estudos observacionais práticos e a necessidade de explorar a inclusão no ensino superior. Portanto, há uma urgência em compreender como o Método TEACCH influencia a inclusão de alunos com autismo em todas as etapas de ensino.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo; método TEACCH; educação inclusiva.

¹Licenciada em Matemática pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI; Acadêmica do Curso de especialização em Educação Especial e Inclusiva. Instituto Federal do Piauí E-mail: gicelia_gn@hotmail.com

²Doutor em Engenharia de TeleInformática. Docente do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI E-mail: manuel@ifpi.edu.br

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is defined as a neurological development disorder, which is characterized by difficulties in communication and social interaction and the presence of stereotyped and/or restricted behaviors. Currently, the learning process of autistic people in the educational sphere is one of the main problems in inclusive education. As an alternative to overcoming this challenge, many methodologies are proposed in order to provide adequate and efficient learning for autistic people. One of these methodologies is the TEACCH method (Treatment in Education for Autism and Children with Communication-Related Disabilities), an educational and clinical therapeutic intervention program, based on the organization and systematization of tasks to be carried out, so that children's learning is more effective and easier. Therefore, the objective of this work was to identify studies in the literature that investigate the use of the TEACCH method in the inclusive learning of children with Autism Spectrum Disorder. Therefore, the present study used an integrative literature review as a method. The data search was carried out using the Google Scholar database. The keywords “pedagogical practices”, “inclusion”, “TEACCH method” and their combinations were used in the data search. After collection, the articles were analyzed and only those that met the objective of this work were selected. Through the analysis of the articles, 16 studies were selected that reflect the use of the Teacch Method in the process of inclusion of autistic students and those that dealt with how the process of inclusion of these students in the educational context occurs and the obstacles to the implementation of this process, being one of the main ones is teacher training. The TEACCH Method is identified as an effective resource to stimulate the language development of autistic children, resulting in positive impacts on the integration of these students at school. However, the research notes a lack of practical observational studies and the need to explore inclusion in higher education. Therefore, there is an urgency to understand how the TEACCH Method influences the inclusion of students with autism in all stages of teaching.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; TEACCH method; inclusive education

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Locatelli e Santos (2016), o transtorno do espectro autista na infância é uma das áreas de discussão mais proeminentes no meio acadêmico e científico, e vem sofrendo diversas alterações conceituais ao longo dos anos. Nesse sentido, é fundamental que se possa compreender o que é o autismo, quais métodos podem ser utilizados para facilitar a inclusão de crianças autistas especialmente no meio educacional.

Se torna fundamental entender o autismo no seu conceito, a partir desse entendimento, tem-se a possibilidade de buscar alternativas para um trabalho correto e acolhedor de crianças com TEA. Neste aspecto, utiliza-se da afirmativa de Chiote (2011) para caracterizar o autismo infantil como um transtorno do neurodesenvolvimento definido a partir de características ou sintomas comportamentais que compõem o quadro diagnóstico.

A compreensão do autismo faz toda diferença no ato de inclusão, afinal, a criança autista tem sérias dificuldades de interagir com os demais, o que torna complicado o trabalho de pais, escola e sociedade em lidar com crianças autistas sem que estas venham a ser estereotipadas. Etimologicamente, “*autos*” significa “próprio” e “ismo” traduz um estado ou uma orientação, isto é, uma pessoa fechada, reclusa em si. Assim, o autismo é compreendido como um estado ou uma condição, que parece estar recluso em si próprio (ONZI; GOMES, 2015).

A reclusão dos autistas faz com que muitos sofram preconceitos, ou sejam taxados como indisciplinados, sobretudo, na escola. O aluno com TEA apresenta características variadas que comprometem, desde as suas relações com outras pessoas até a sua linguagem, necessitando, assim, de apoio no seu processo de ensino-aprendizagem (OLIVEIRA, 2020).

Em espaços educacionais, as crianças autistas sentem dificuldade de adaptação. Os problemas encontrados são: comunicação efetiva, socialização, organização, distração e dificuldade em sequenciar. Levando em consideração a grande insuficiência de qualificação profissional para o correto diagnóstico e acolhimento à criança autista, as instituições de ensino padecem ao receber este aluno (FERREIRA; FRANÇA, 2017).

Sabendo disso, é necessário a promoção de técnicas ou métodos que facilitem o cotidiano de crianças autistas no espaço escolar, as inserções de novos modelos têm sido aplicadas para o desenvolvimento e adaptação de métodos que sejam capazes de possibilitar a inserção da criança autista no ambiente escolar, bem como lhe proporcionar uma educação de qualidade (MORAIS, 2012).

Um método que tem destacado na visão de Homobono (2021), é o Método TEACCH, do inglês *Treatment and Education of Autistic and related Communication handicapped Children* (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados com a Comunicação). Este método apresenta um viés pedagógico com bases na psicologia comportamental e a psicolinguística, embora também apresente características da Teoria do Condicionamento Operante.

O método TEACCH, objetiva desenvolver a autonomia da pessoa com TEA através da aquisição de habilidades comunicativas, interação social de forma a incentivar o poder de escolha (Homobono, 2021). Sabendo disso, é importante buscar respostas a questionamentos frequentes sobre esse método: Como utilizá-lo no espaço escolar; qual a sua principal função, sobretudo, na busca da autonomia do autista? Quais os problemas que os autistas enfrentam no espaço escolar?

Visando construir o debate e alcançar resoluções para as perguntas, é necessário traçar objetivos para que se possa nortear a busca por respostas imediatas sobre a inclusão do autista, bem como a descoberta de novos métodos como o TEACCH. Deste modo, o objetivo principal do trabalho é: Identificar evidências que reforcem o emprego do Método TEACCH no ambiente escolar como ferramenta de ensino e inclusão de alunos com TEA, especificamente pretende-se apontar o contexto histórico e conceitual do TEA; Apresentar as principais características e

forma de execução do Método TEACCH, além de investigar a influência deste método no desenvolvimento da linguagem das crianças.

Assim sendo, o presente trabalho tem como base o estudo de um método com bases psicopedagógicas para estruturar uma escola inclusiva, visando facilitar o processo de inclusão e promover um ambiente adequado para receber os alunos com TEA. A pesquisa pode ser justificada no sentido de mostrar o Método TEACCH como uma possível saída para uma inclusão eficiente no ambiente escolar, se tornando um grande aliado para a criação de uma estrutura educacional adequada. Além disso, toda pesquisa que trata de novos métodos para lidar com TEA é necessária para trazer conhecimento a professores, acadêmicos e outros pesquisadores.

2 AUTISMO: CONTEXTO HISTÓRICO E CONCEITO

Nas últimas décadas, a incidência de casos de autismo tem crescido de forma significativa em todo o mundo. Em países como os Estados Unidos, a média de idade das crianças diagnosticadas tem sido de 3 a 4 anos. Considerando-se as taxas de 60/10.000 ou a mais recente taxa de 1% se pode estimar, que entre 1 a 2 milhões de brasileiros preenchem critério para o espectro autista, sendo de 400 a 600 mil com menos de 20 anos, e entre 120 e 200 mil menores de cinco anos (Onzi; Gomes, 2015).

Ainda nesse contexto, vale corroborar dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) onde se estima que uma em cada 160 crianças tenha TEA e que a incidência do transtorno vem aumentando globalmente. O autismo tem suas peculiaridades, apresentando variações em níveis de gravidade, com indivíduos que apresentam funcionamento intelectual profundamente comprometido e outros com capacidade intelectual superior (Côrtes; Albuquerque, 2020).

Evidencia-se a necessidade de compreender o que é o autismo para buscar meios de facilitar a inclusão de crianças que sofrem desse transtorno, assim, é preciso recorrer à história para mostrar o que é e como surgiu o termo que diferencia crianças atípicas das típicas, num primeiro momento se observa que o conceito que se tem atualmente de autismo passou por inúmeras modificações desde o início das primeiras investigações acerca dessa condição.

Em 1943, após acompanhar 11 crianças, sendo oito meninos e três meninas com idades variando de 2 anos e 4 meses a 8 anos, Kanner escreveu o artigo “*Autistic Disturbances of Affective Contact*”, que foi publicado na revista *The Nervous Child*, dando início a uma nova perspectiva de compreensão sobre o que viria a ser denominado autismo infantil, transtorno autista ou autismo na infância (Côrtes; Albuquerque, 2020).

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), o Transtorno Autista, o Transtorno de Asperger, a Síndrome de Rett, o Transtorno Desintegrativo da Infância e o Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra Especificação eram classificados como Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) (Apa, 2002). A avaliação clínica é fundamental para o diagnóstico de TEA, baseada em critérios estabelecidos pelo Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders 5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais –DSM), da Associação Americana de Psiquiatria e pela Classificação Internacional de Doenças, o CID 10, da Organização Mundial de Saúde (Côrtes; Albuquerque, 2020).

Com o DSM-5 (Apa, 2013), foram feitas alterações para simplificar o diagnóstico. O autismo, na nova edição do manual, passou a fazer parte da categoria denominada Transtornos de Neurodesenvolvimento, classificada como Transtornos do Espectro Autista (TEA). Dessa forma, com o TEA foram agrupados os transtornos que compartilham características do autismo, como: Autismo, Asperger, Transtorno Infantil Desintegrativo e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento sem outra Especificação, havendo distinções de acordo com o nível de gravidade em relação à interação social e à comunicação.

O rastreamento do transtorno na primeira infância e a identificação precoce dos sinais

de risco é fundamental. São grandes as evidências científicas indicando que quanto antes o tratamento for iniciado, melhores são os resultados em termos de desenvolvimento cognitivo e linguagem, o que aumenta as chances de um melhor prognóstico (Almeida *et al.*, 2021). A citada autora e seus colaboradores enfatizaram ainda que o diagnóstico pode ser realizado tanto com base na observação comportamental, quanto por meio do uso de instrumentos válidos e fidedignos que permitem ao profissional traçar um perfil refinado das características de desenvolvimento da criança.

No que se refere à prevalência do autismo, observa-se uma maior incidência no sexo masculino, havendo uma estimativa de que ele acontece de três a quatro meninos para cada menina. Todavia, os indivíduos do sexo feminino tendem a estar mais gravemente afetadas em relação ao sexo masculino (Araújo, 2015). Com base nos dados e na história do autismo é possível que professores, famílias e comunidade escolar possam entender características e particularidades de crianças com autismo e assim, sejam capazes de verdadeiramente acolher e incluir sem prejuízos a estes de ordem emocional ou psíquica.

2.1 TEA no Ambiente Educacional

Em relação aos estudos em contextos escolares, nota-se que estes dedicam maior atenção aos casos de TEA devido à popularização do termo por meio da mídia e das políticas públicas no Brasil (Bandeira; Silva, 2017). Desde 2008, o TEA foi colocado como público-alvo da Educação Especial e, em 2012, foi regulamentado que a pessoa com TEA é considerada pessoa com deficiência para todos os efeitos legais (Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012). Apesar do autismo ter garantias legais estabelecidas percebe-se que são poucas as pesquisas na área no âmbito nacional, indicando a necessidade de novos estudos e de maior incentivo à publicação de práticas inclusivas (Lemos; Nunes; Salomão, 2020).

Na década de 1990, com a Declaração de Jomtien, também conhecida como Declaração Mundial de Educação para Todos, juntamente com a Convenção de Direito da Criança e a Declaração de Salamanca, estabeleceu-se que toda pessoa (criança, jovem e adulto) deveria usufruir das oportunidades educacionais voltadas às suas necessidades de aprendizagem. Assim, como as pessoas com deficiência requerem atenção especial, devem ser tomadas medidas que garantam a igualdade de acesso à educação a elas como parte integrante do sistema educacional (Cabral; Marin, 2017).

Na verdade, o que se observa na relação autista e escola é um verdadeiro temor por parte da comunidade escolar em como lidar com essas crianças no espaço educacional. Sabe-se que mesmo com incentivos por parte do governo brasileiro, estudos apontam que existem muitas dificuldades para a efetivação da inclusão escolar de crianças com TEA.

É necessário antes de tentar “incluir” crianças autistas em salas de aula regulares capacitar professores e alertar toda a comunidade escolar sobre as particularidades que as crianças autistas têm. Caso isso não aconteça tem-se uma grande chance dessas crianças serem estereotipadas por seus colegas de classe e até mesmo funcionários da instituição que não entendem o que é o autismo e como isso afeta o desenvolvimento das crianças.

Nessa linha de pensamento, Cabral e Marin (2017) relataram que tais dificuldades refletem a necessidade de formação qualificada e de apoio técnico no trabalho com os alunos, no entendimento do professor sobre a inclusão, devido às mudanças no cotidiano do seu trabalho, e, principalmente, no processo de ensino, que ainda está associado ao formato tradicional (ensinar-aprender), vinculado às premissas de ajuste ou correção do indivíduo, modelo que não viabiliza o processo de inclusão.

Diante disso, as questões mais importantes a serem respondidas atualmente, em relação à inclusão escolar de crianças com TEA, referem-se não somente ao direito dessas crianças frequentarem a escola comum, mas a como educadores podem fornecer uma educação

adequada que atenda às necessidades educativas especiais garantindo, assim, progresso e permanência das crianças na escola (Camargo *et al.*, 2020).

Assim sendo, fica evidente que o autismo deve ser discutido com todos que compõem a comunidade escolar. Afinal, não é apenas o professor que vai lidar diretamente com estes alunos, mas também, o diretor, coordenador pedagógico, vigia, os colegas de classe, então, o debate e a discussão sobre o autismo deve ser tratado em toda e qualquer situação bem como explicitada no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola.

2.2 Método Teacch

O Método TEACCH surgiu no desenvolvimento de um projeto de investigação no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Carolina do Norte nos Estados Unidos destinado a ensinar aos pais técnicas comportamentais e métodos de educação especial que fossem ao encontro das necessidades dos seus filhos com autismo. Este plano surgiu por volta dos anos 60 através de Eric Schopler, psicólogo americano, com um doutoramento em autismo e vários estudos de investigação sobre intervenção nas crianças com autismo (Fortunato, 2016).

O que se percebe é que o método TEACCH surge como uma promissora estratégia de organização do trabalho pedagógico para o atendimento das necessidades educacionais do educando com TEA, dentre outras práticas e recursos, corroborando assim com a ideia de Bastos e Souza (2019). Seguindo essa mesma linha de pensamento, Araujo (2015) defendeu que o TEACCH é um trabalho de intervenção terapêutica baseado na determinação de objetivos bem definidos e direcionados aos comportamentos que se pretende mudar, com o propósito de extinguir ou amenizar comportamentos indesejáveis, reforçando positivamente. O reforço positivo dos estímulos aumenta a probabilidade das condutas entendidas como adequadas e negativas para serem realizadas na convivência social.

Nesse sentido, é preciso compreender esse método para que se possa inseri-lo no ambiente escolar. Nesse sentido, é importante entender que estratégias o método Teacch pode ofertar. Moraes (2012) relatou que o modelo TEACCH estabelece um conjunto de princípios e estratégias, que passam pela estruturação externa do espaço, estruturação do tempo, estruturação dos materiais e atividades, permitindo que as crianças que frequentam este espaço se organizem internamente e facilitando, desse modo, os processos de aprendizagem e de autonomia, o que por sua vez se traduz na diminuição de incidentes ao nível comportamental.

Para dar conta de toda a heterogeneidade, especificidades e singularidades que caracterizam o público com TEA e que configuram suas necessidades educacionais gerais e específicas, destaca-se como uma possibilidade viável, entre outras práticas pedagógicas, a aplicação dos princípios do ensino estruturado, no modelo TEACCH, pelos docentes da sala regular e dos profissionais da sala de recursos multifuncionais. Esses princípios também podem ser compartilhados com a família que, ainda, não faz uso em seu cotidiano familiar com a criança com TEA (Bastos; Souza, 2019).

A inclusão de uma criança utilizando o Método TEACCH proporciona um aumento das capacidades de atenção, comunicação e participação das atividades realizadas com o restante grupo. O fato de a sala se encontrar adaptada à criança desperta o restante grupo para a existência de alguém diferente, fomentando a ajuda mútua. Além disso, promove uma maior sensibilidade às questões de discriminações que acontecem no dia a dia, a crítica aos estereótipos produzidos socialmente, o desenvolvimento das capacidades de aceitação e flexibilidade e capacidades de liderança e cooperação (Fortunato, 2015). Assim, o método Teacch tem se mostrado como uma ferramenta de auxílio para uma inclusão verdadeira no ambiente escolar.

3. METODOLOGIA

O estudo intitulado a eficácia do método Teacch na educação inclusiva no ambiente escolar: uma revisão integrativa, constitui-se da revisão de diversos trabalhos, de diferentes abordagens, a respeito desse tipo de revisão Broome (2000) enfatizou que se trata uma abordagem qualitativa, agrupando a produção científica relevante acerca do tema preestabelecido, ofertando acesso rápido e sintetizado aos resultados científicos de maior acuidade para a área estudada.

A pesquisa bibliográfica será realizada utilizando-se bases de dados *online* entre as quais Google Acadêmico, SciELO e Periódicos Capes. Foram baixados artigos, monografias e dissertações que abordam o tema do presente estudo. A busca se deu por meio da utilização dos seguintes descritores e suas combinações: “práticas pedagógicas”, “escolarização”, “método TEACCH”, “modelo TEACCH” e “autismo”, utilizando-se o operador booleano AND, onde se aplicou o recorte temporal dos últimos cinco anos (2019-2023).

Visando uma melhor compreensão do tema e buscando uma análise mais completa sobre método Teacch, foram adotados alguns critérios para selecionar os estudos:

Q 1: Inclusão de artigos com textos na íntegra.

Q 2: Inclusão de artigos de estudos experimentais que abordam a temática definida.

Q 3: Exclusão de trabalhos fora do recorte temporal aplicado.

Q 4: Exclusão de artigos que não discutam sobre o uso do método TEACCH.

Q 5: Exclusão de trabalhos que estejam duplicados nas bases de dados utilizadas para pesquisa.

Empregou-se para categorização dos artigos avaliados as seguintes questões de pesquisa:

Q 1: Como ocorre o processo de inclusão de crianças com autismo no sistema educacional?

Q 2: Há estudos experimentais e teóricos que investigam a eficácia do método TEACCH na educação inclusiva no ambiente escolar?

Q 3: Que técnicas o modelo TEACCH utiliza para desenvolver habilidades em crianças autistas?

Q 4: O método Teacch influencia no desenvolvimento da linguagem de crianças autistas?

4 RESULTADOS

Considerando que esta pesquisa se propôs a realizar uma revisão de literatura do tipo integrativa acerca da eficácia do método Teacch na educação inclusiva no ambiente escolar na base de dados Google Acadêmico, foram analisadas 16 publicações que atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos no desenho metodológico da pesquisa. Salienta-se que a busca por meio da combinação de descritores gerou 130 publicações, as quais foram analisadas inicialmente por meio do título e resumo, e sequencialmente por meio da leitura completa, resultando após análise minuciosa em 16 publicações.

Destaca-se que dois artigos foram descartados por não estarem disponíveis no site endereçado na base de dados e um foi excluído por não apresentar seu texto completo disponível.

4.1 Tipos de estudo

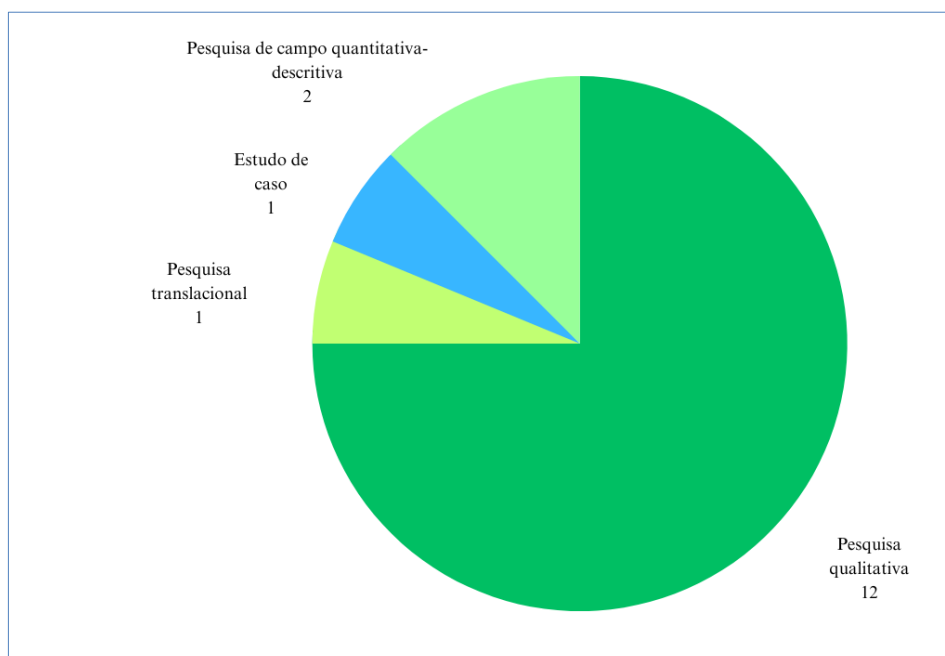
Os estudos analisados e utilizados para a elaboração desta revisão são de natureza

distinta, são eles: artigos (9), dissertações (6) e capítulo de livro (1). O Gráfico 1 apresenta o quantitativo referente ao tipo de estudo das publicações que foram incluídas nesta revisão. Ressalta-se que pesquisas do tipo qualitativa (12) predominam em relação aos demais tipos, sendo seguida da pesquisa de campo quantitativa-descritiva (2), estudo de caso (1) e pesquisa translacional (1). Salienta-se que se tratam de estudos teóricos. Não foram encontrados estudos experimentais alinhados com o tema desta revisão.

Nessa perspectiva, as publicações que traziam abordagens voltadas para a pesquisa com populações específicas, centrou-se principalmente em professores e pais. Cabe destacar que o número de participantes das amostras era pequeno. Sendo o estudo de Emiliano (2022) aquele que contemplou um maior número de participantes (20 professores). Canuto (2022) realizou seu trabalho por meio de entrevista a duas professoras, a fim de refletir sobre os aspectos pedagógicos que se mostram indispensáveis diante de um aluno com TEA. Magalhães (2021) efetuou seu estudo por meio de entrevista com quatro coordenadores do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais de uma escola federal. Cunha e Lira (2021) investigaram a progressão socieducacional de estudantes autistas pelo Método Teacch por meio da aplicação de formulários a quatro pais/responsáveis de estudantes autistas de uma escola pública. Finalmente, Homobono (2020), em sua pesquisa de campo, analisou o desenvolvimento da linguagem de crianças com autismo a partir do atendimento sob o Método TEACCH através da observação dos atendimentos realizados no local de estudo e de entrevista com pais e/ou familiares de autistas.

A partir desta observação, nota-se que os estudos trazem um enfoque voltado para os indivíduos que convivem diretamente com o autista, seja em no âmbito domiciliar ou escolar. Nota-se uma carência na literatura de estudos observacionais centrados no estudante autista.

Gráfico 1 - Distribuição quantitativa da natureza dos estudos selecionados.



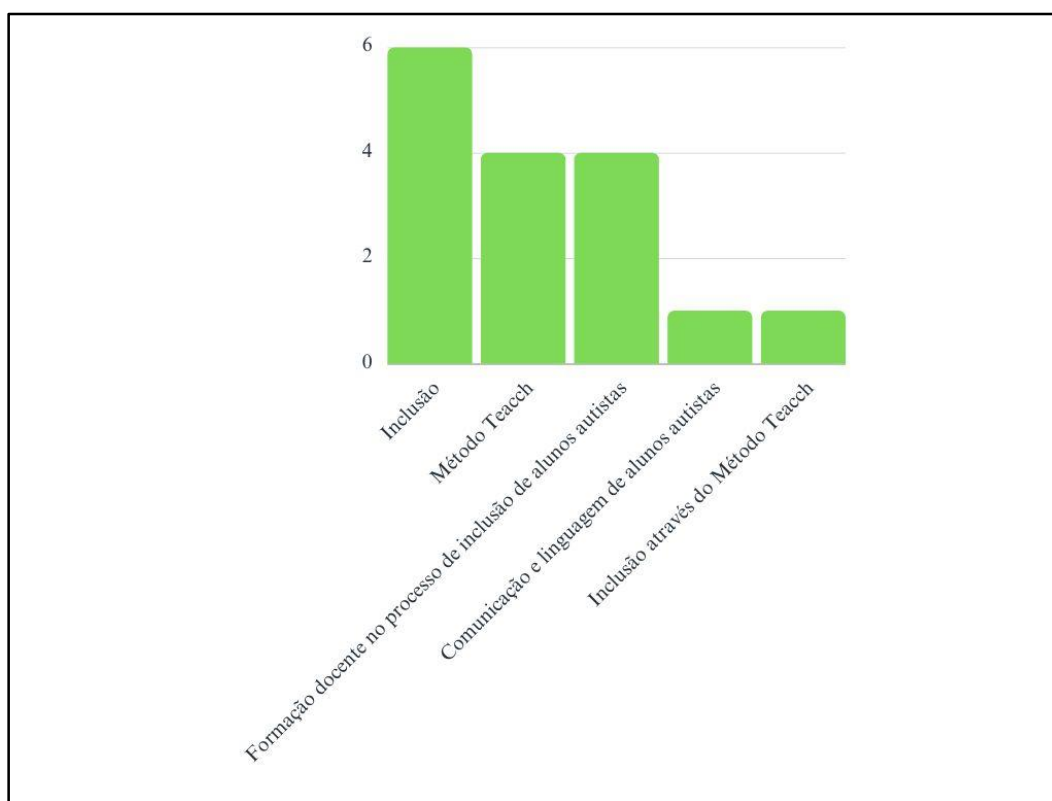
Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

4.2 Temática abordada

No que se refere às temáticas abordadas nos estudos selecionados para a elaboração desta revisão obedeceu-se aos critérios estabelecidos na metodologia, como também nos

objetivos e questões norteadoras do trabalho. Assim, foram selecionados trabalhos que tratassem do Método Teacch como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem de autistas, assim como publicações que abordassem sobre como ocorre o processo inclusão de autistas no âmbito escolar e aspectos mais importantes a serem discutidos para a efetivação desse processo. Dessa forma, o Gráfico 2 apresenta as temáticas abordadas nos estudos selecionados.

Gráfico 2 - Temáticas abordadas nos estudos selecionados.

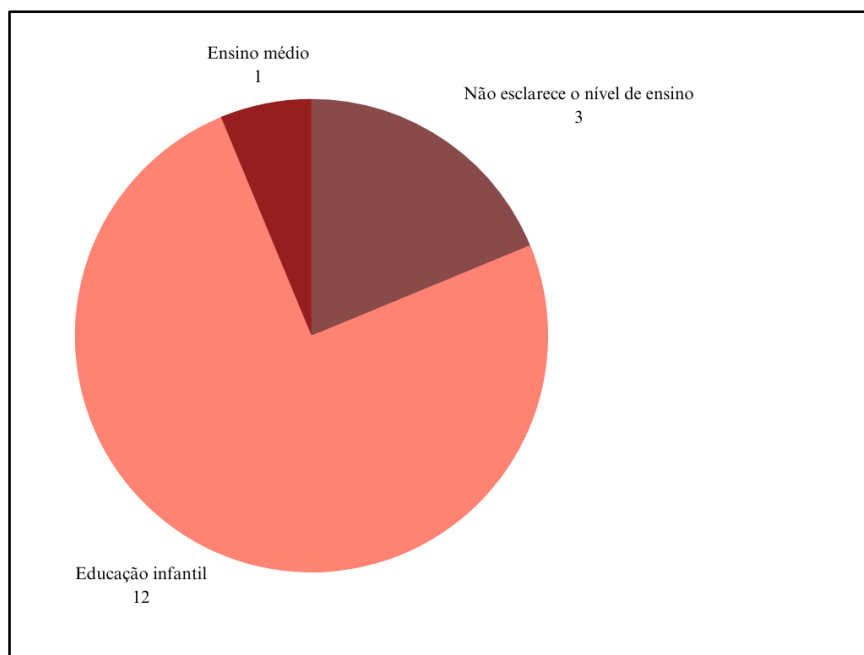


Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

4.2 Nível de ensino

Outra variável analisada foi o nível de ensino ao qual os estudos foram voltados. Ao examinar o Gráfico 3 percebe-se que 75% das investigações dedicaram-se a tratar sobre o autismo na educação infantil. Três publicações não relatam o nível de ensino e um trabalho aborda a temática com alunos do ensino médio.

Gráfico 3 - Nível de ensino alvo dos estudos selecionados.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

5 DISCUSSÃO

5.1 Inclusão de alunos autistas

A trajetória da Educação Inclusiva tem sido marcada por diversas etapas que conduziram ao atual estágio do que chamamos de Inclusão. Este momento ainda demanda um considerável investimento em termos de estrutura, reconhecimento e efetividade, começando pela legislação voltada para estudantes com TEA. Canuto (2023) traz que nesse cenário, a Declaração de Salamanca, emitida em 1994, emerge como um ponto de referência significativo. Nessa declaração, foram delineados princípios, políticas e práticas destinadas a alcançar uma educação eficaz para alunos com necessidades educacionais especiais, que atualmente podem ser identificados como "pessoas com deficiência". A Declaração de Salamanca consagrou esses indivíduos como detentores de direitos no sistema educacional.

Nesse sentido, Nascimento e Fernandes (2021) mencionam que compreender os princípios do pensar inclusivo é indispensável para entender as relações necessárias do se fazer incluir, mesmo sabendo que o conceito de inclusão não se apresenta como um termo recente, pois já estava presente nas teorias educacionais que serviram de inspiração e base para o atual processo e conjuntura da educação, isso porque, consiste na construção de relações entre todos em um mesmo ambiente, independente da condição socioeconômico, etnia ou condições físicas e psíquicas.

Conforme o artigo 3º, inciso IV, da Lei nº 12.764/2012 (Lei Berenice Piana, Brasil) é direito da pessoa com transtorno do espectro autista o acesso à educação e ao ensino profissionalizante. O artigo 7º da mesma lei completa que proíbe a recusa de matrícula de criança com TEA ou qualquer outro tipo de deficiência, sendo punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos (BRASIL, 2012).

Falcão (2023) diz:

“Além disso, fica estabelecido que as escolas regulares devem assegurar não apenas a matrícula de estudantes com necessidades educacionais especiais, mas, acima de tudo, devem proporcionar a eles um ambiente propício ao aprendizado de qualidade. Todos os seres humanos têm o direito à educação, que deve ser direcionada para o desenvolvimento da personalidade humana, bem como para a preservação de seus direitos fundamentais e liberdade.”

Porém, como ressaltam Cabral, Marin e Campanharo (2022) e confirmando a afirmação de Falcão (2023) a mera presença de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola não é suficiente para indicar uma melhoria na qualidade da inclusão. O fato de estar inscrito na escola não garante que esse aluno esteja verdadeiramente incluído em seu ambiente educacional e que suas necessidades de aprendizagem estejam sendo adequadamente atendidas.

Segundo a pesquisa de Magalhães (2021), é observado que a efetiva inclusão de alunos com TEA no sistema educacional brasileiro ainda está consideravelmente distante do ideal. Ao entrevistar coordenadores de um núcleo voltado para a educação especial de estudantes de uma escola federal, a autora informa que baseado em seus resultados que as contribuições deste núcleo ainda não atendem de forma satisfatória o processo inclusivo. Apesar disso, a autora destaca que a atuação das equipes desses núcleos tem permitido novas possibilidades de pensar as políticas de inclusão, mesmo que de forma embrionária

Magalhães (2021) salienta as principais lacunas existentes nesse processo entre elas estão: falta de recursos humanos; falta de profissionais de formação específica AEE; possibilidades de formação continuada sobre a temática da inclusão para a comunidade acadêmica; e, o mais relevante, o compromisso de toda a sociedade em garantir uma educação pública, laica, emancipatória e de qualidade, livre de preconceitos e discriminações.

Sob essa perspectiva Nascimento e Fernandes (2021) relatam sobre o processo de inclusão de alunos com TEA, apontando o seguinte:

“Este, é muito complexo, haja vista que, em decorrência a falta de investimento na educação no país, as escolas não dispõem de todas as exigências para uma verdadeira inclusão do aluno com TEA. Como exposto anteriormente, o autista sente grande dificuldade em interagir socialmente, tem hipersensibilidade auditiva, além de outras características que necessitam de atenção redobrada por parte da instituição escolar. Todavia, a cruel realidade social impede que as escolas estejam devidamente preparadas para receber alunos com tais singularidades.”

Neste sentido, a inclusão se torna possível dentro da escola comum quando, de fato, existe a promoção do desenvolvimento das habilidades dos estudantes com TEA dentro do processo educativo (FALCÃO, 2023).

Por isso, de acordo com Santos e Oliveira (2022), não é suficiente que os alunos se beneficiem apenas de leis favoráveis ao acesso à escola; é crucial que possam se ajustar e se manter na escola, priorizando constantemente a qualidade do conteúdo, adaptando-o quando necessário e aplicando uma abordagem inclusiva. É imprescindível que ocorram alterações significativas no contexto escolar, abrangendo não apenas o aspecto pedagógico, mas também as áreas de convivência comuns. No entanto, a ênfase recai especialmente na formação e aprimoramento dos professores.

5.2 A formação de professores na inclusão de alunos autistas.

A formação adequada do professor é fundamental para a inclusão de alunos autistas, pois os prepara para compreender as necessidades específicas desses estudantes, adaptar o ensino e ambiente escolar, promover a aceitação e proporcionar um ambiente inclusivo que favoreça o desenvolvimento e aprendizado de todos os alunos, independentemente de suas

diferenças.

À vista disso, Santos e Oliveira (2022) apontam que quando se aborda a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em escolas de ensino regular, é mandatório reavaliar a capacitação dos educadores, pois frequentemente não estão preparados para acolher alunos com autismo, muitos não receberam a formação necessária para facilitar a inclusão na sala de aula. É fundamental compreender que a singularidade de cada indivíduo define sua identidade, e tratar as pessoas de forma diferenciada pode acentuar ainda mais suas dificuldades, levando, assim, à exclusão.

Segundo as autoras a aprendizagem de alunos com TEA apresenta desafios, uma vez que é influenciada por várias características inerentes ao espectro, como dificuldades na interação, socialização e comunicação com os colegas. Alunos diagnosticados com TEA requerem estímulo diário, uma vez que frequentemente enfrentam obstáculos na interação com os outros e podem não demonstrar iniciativa em compartilhar interesses ou brincadeiras com seus pares. Por isso, é de suma importância que os docentes estejam aptos a lidar com as particularidades do aluno com TEA de maneira a incluí-lo e promover o seu acolhimento no ambiente escolar.

Uma formação apropriada deve assegurar que o professor adquira consciência de seu ensino, analise a aplicação prática no contexto em que ocorre e promova a avaliação constante em diversas situações, sempre explorando diversas soluções para resolver os desafios que surgem (PIMENTEL, 2021).

Cada criança com TEA apresenta necessidades únicas e específicas, que são moldadas por sua história de vida e pelo ambiente físico e social em que está inserida. Portanto, é imperativo analisar e compreender cada caso individualmente, a fim de planejar abordagens personalizadas para os alunos com autismo. Nesse sentido, é fundamental capacitar dois tipos de professores: os professores do ensino regular com formação básica, incluindo treinamento em lidar com a diversidade, e os professores especializados, que podem atuar em equipes de atendimento e apoio, colaborando para proporcionar o suporte necessário aos alunos com TEA (BISPO e Merelles, 2021).

De acordo com Bortolini (2022), no contexto da inclusão escolar de alunos com TEA, os professores desempenham um papel fundamental. É crucial que esses profissionais reconheçam as particularidades e necessidades específicas de cada aluno, adaptando suas práticas pedagógicas com o objetivo de assegurar o acesso ao conhecimento, a permanência na escola, a participação ativa e a obtenção de aprendizagens significativas para todos os estudantes. Somente dessa maneira, uma abordagem pedagógica eficaz será possível, promovendo o pleno desenvolvimento do aluno com deficiência, e, neste caso específico, do aluno com TEA.

Apesar do reconhecimento da necessidade de capacitação do professor e de compreendê-lo como agente essencial no processo de inclusão de alunos com TEA, existem desafios e dificuldades enfrentados na prática docente. Pimentel (2021) aponta esses obstáculos. São eles: a eficácia das abordagens pedagógicas empregadas, a carência de recursos e infraestrutura, as condições de trabalho insatisfatórias, cargas horárias excessivas, as limitações na formação profissional, o elevado número de alunos por sala de aula, instalações precárias e a falta de preparo para atender adequadamente seus alunos.

Bortolini (2022) esclarece que a escola e seus agentes enfrentam diversos obstáculos e desafios, destacando a falta de conhecimento por parte dos professores em relação a essa condição, o que dificulta sua atuação no contexto da sala de aula regular.

Ainda conforme a autora, o setor pedagógico revela-se despreparado para efetuar a inclusão de crianças com autismo, dado que esse processo demanda um amplo conjunto de saberes, que inclui desde conceitos fundamentais até práticas em sala de aula. Isso engloba o

estudo dos conteúdos, a adaptação de atividades em sala e em casa, o desenvolvimento de trabalhos individuais e coletivos, bem como o estabelecimento da rotina do aluno autista.

De acordo com Pimentel (2021):

“Para uma educação inclusiva é preciso que o educador conheça seus alunos para desenvolver as práticas pedagógicas necessárias, levando em conta diversidade de sua turma e as especificidades do aluno autista. Considerando essas especificidades o professor deve sempre lembrar que para o ensino do aluno com o TEA não existem técnicas milagrosas, mas possibilidades de aprendizagem diante das atividades elaboradas no currículo escolar. Nessa relação aluno/professor quem aprende é o professor e quem ensina é o aluno”.

Bispo e Meireles (2021) discorrem sobre a importância da formação docente na inclusão de alunos com TEA. Segundo as autoras:

“A qualidade do ensino, a formação e a prática docente estão diretamente interligadas. A formação docente é imprescindível no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem de portadores do autismo. Ao direcionarmos nossas pesquisas para a inclusão de crianças autistas na educação regular, notamos que as licenciaturas não preparam os professores para trabalharem de maneira efetiva com esses alunos que possuem alguma necessidade especial...”

Portanto, a falta de preparo dos professores para lidar com alunos autistas resulta de uma combinação de fatores, incluindo a formação, a disponibilidade de recursos e a sobrecarga de trabalho. A superação desse despreparo exige investimentos em formação contínua, apoio efetivo nas escolas e conscientização sobre a importância da inclusão de alunos com TEA no sistema educacional.

Desenvolver metodologias eficazes para apoiar a inclusão de alunos autistas é fundamental para garantir que essas crianças tenham acesso a uma educação de qualidade e se desenvolvam plenamente. Além disso, essas metodologias auxiliam o direcionamento do trabalho dos docentes. Pimentel (2021) destaca dois métodos educacionais desenvolvidos com esse propósito. São eles: o Método Teacch (Tratamento e Educação para autistas e crianças com deficiências relacionadas à comunicação) e a ABA (Análise Aplicada do Comportamento).

5.3 O Método Teacch e suas contribuições para a inclusão e desenvolvimento de alunos com TEA

Em 1966, a partir de um projeto de pesquisa liderado pelo Dr. Eric Shopler e sua equipe na Universidade da Carolina do Norte, EUA, surgiu o Método TEACCH, cuja sigla em português significa Tratamento e Educação de Pessoas com Autismo e Outras Desordens Relacionadas à Comunicação. Esse método fundamenta-se na premissa de que toda intervenção deve ser focalizada na individualidade da pessoa (CAPUZZO e GALVÃO, 2020).

Capuzzo e Galvão (2020) completam:

“O Método TEACCH se baseia na compreensão do sujeito como autista, em que busca aperfeiçoar suas habilidades e trabalhar, de forma eficaz e organizada, para melhorar a capacidade de desenvolvimento e promover a possível independência das pessoas com TEA. Compreende as principais dificuldades da pessoa com TEA como: *déficit* na reciprocidade emocional, onde a aproximação com o outro sujeito é anormal ou não acontece, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesse ou atividades, como ecolalia na fala, estereotípias, uso inadequado de objetos, rigidez em rotinas e padrões rígidos com resistência a mudanças”.

Cunha e Lira (2021) mostram que o Método TEACCH® e suas estratégias de comunicação têm como objetivo simplificar e promover a interação social, permitindo uma comunicação alternativa e/ou aumentativa por meio de rotinas e dicas, facilitando assim a participação em atividades educacionais e sociais. Ao concentrar-se no aprimoramento da comunicação, esse método demonstra ser altamente eficaz, uma vez que, após uma avaliação que identifica as habilidades, desafios e interesses individuais, ele desenvolve um plano de ação personalizado que respeita a singularidade e a complexidade do TEA.

O TEACCH é um método que possui olhares cautelosos para a criança autista, por meio das suas singularidades e capacidades. Visa cooperar o desenvolvimento precoce, com o desempenho e as capacidades cognitivas e adaptativas para que tenha autonomia ao longo da vida (CANCELIER e MEDEIROS, 2022). Conforme Capuzzo e Glavão (2020) destacam, o Método TEACCH incentiva o processo de ensino e aprendizagem ao compreender o pensamento do indivíduo com TEA e respeitar a sua forma de perceber o ambiente ao seu redor. Esse método visa promover o desenvolvimento de habilidades, reduzir comportamentos inadequados e aprimorar a compreensão das pessoas com TEA, por meio de intervenções direcionadas e explicativas, com o propósito de ensinar e proporcionar suporte.

O TEACCH possui princípios norteadores que auxiliam nesse processo de desenvolvimento da independência da pessoa com TEA, que são: a) melhoria da capacidade adaptativa; b) colaboração entre pais e profissionais; c) avaliação individualizada para a intervenção; d) ênfase na habilidade e reforço nas capacidades do aluno; e) teoria cognitiva, comportamental, psicolinguística e do desenvolvimento fundamentado à prática e f) ensino estruturado agindo como fator de organização e previsibilidade (HOMOBONO, 2020).

Oliveira (2020) como o TEACCH se desenvolve:

“O trabalho com o programa TEACCH consiste em organizar todo o meio educacional em forma de rotinas, podendo ser estruturadas em quadros, painéis ou agendas, tornando assim mais fácil para o indivíduo encontrar-se no ambiente, e assim compreender o que é esperado dele naquele local. Apesar do método TEACCH ser trabalhado por meio de rotinas, vale salientar que a mesma precisa ser trabalhada naturalmente. Mesmo o autista demonstrando gostar de atividades de vida diária repetitivas precisa entender dar vez a outras atividades e metodologias e assim não ficando “escravos” de rotinas.”

Cunha e Lira (2021) realçam essa ideia enfatizando que o Método TEACCH® sequencia o seu plano de ensino com a aplicação de uma rotina diária, assim o autista saberá o que irá acontecer e quando, minimizando a ansiedade e abrandando as possíveis desorganizações mentais.

Somado a isso, o TEACCH se estrutura por meio da utilização dos recursos visuais, da organização do ambiente, das separações dos materiais. Dessa forma, a criança concentra-se melhor e realiza com autonomia o que foi proposto. As estruturas são pensadas para contribuir com o desenvolvimento individual (CANCELIER e MEDEIROS, 2022). Oliveira e Cerdeira (2019) acrescentam que a abordagem comportamental do Método TEACCH envolve o uso de reforços, enfatizando a importância de recordar regularmente à criança o comportamento desejado pelo profissional que a acompanha, assemelhando-se a um treinamento diário para alcançar metas específicas. Paralelamente, o desenvolvimento psicolinguístico do método é promovido por meio do uso de imagens, estabelecendo uma conexão entre elementos visuais e ações a serem realizadas.

Oliveira e Cerdeira (2019) ainda apontam como a organização dos espaços em que o aluno com TEA está inserido impactam no seu desenvolvimento.

“Os principais pontos do TEACCH é a estrutura física de cada espaço ter a sua função, tendo uma sequência de atividades que a criança identifique o que será exigido dela,

essa identificação ocorre através do uso direto de imagens que indiquem a ação a ser realizada pela criança [...] Com esse ambiente preparado para o aluno, ocorrerá a organização de tarefas, que através de imagens e escritas possibilitam ao mesmo uma autonomia em realizá-las, com mais independência, assim trabalhando a principal característica do método, que é desenvolver a independência do aluno.”

Homobono (2020) objetivou em seu estudo na Associação de Pais e Amigos dos Autistas do Amapá (AMA-AP) analisar o desenvolvimento da linguagem de crianças com autismo a partir do atendimento sob o Método Teacch. A autora encerra que o método TEACCH exerce uma influência abrangente e gera resultados notavelmente positivos no progresso da linguagem das crianças assistidas na AMA-AP. Isso se evidencia tanto ao considerar o período de observação como ao examinar os depoimentos dos familiares, que enfaticamente sublinham o avanço na comunicação de seus filhos. Esse progresso se manifesta através da ampliação do vocabulário, da expansão do diálogo, do aumento da expressividade e da melhoria do comportamento.

6 Considerações finais

Portanto, através desta revisão integrativa, foi possível verificar que o Método Teacch é um recurso por meio do qual pode-se estimular o desenvolvimento da linguagem de crianças autistas, promovendo impacto positivo na inserção deste alunado no contexto escolar.

Os estudos trazem em sua maioria um desenho metodológico voltado à abordagem qualitativa, investigando, essencialmente, como ocorre o processo de inclusão de alunos autistas no âmbito escolar. As principais questões levantadas por essas análises são as problemáticas envolvidas no processo de inclusão. Os fatores que mais contribuem negativamente para o cumprimento deste processo são a falta de docentes com formação específica para acolher e inserir os estudantes autistas, falta de estrutura e rotina, diversidade das necessidades de cada aluno, as barreiras de comunicação e o estigma existente em relação ao autismo.

Ainda se observa a prevalência de estudos que tratam sobre a importância da formação do professor para incluir o aluno autista. Nesse sentido, evidencia-se que é fundamental investir em programas de formação de professores que incluam treinamento específico em autismo, promover a conscientização sobre as necessidades dos alunos autistas, fornecer recursos adequados para apoiar o ensino inclusivo e difundir as metodologias existentes para formação educacional desses alunos.

Por meio desta pesquisa, verificou-se que o Método Teacch é uma abordagem educacional e terapêutica para crianças e adultos com autismo. Ele enfatiza o uso de estratégias visuais, rotinas estruturadas e materiais adaptados para promover a aprendizagem, a independência e a organização para indivíduos no espectro do autismo. O método TEACCH visa atender às necessidades individuais de cada pessoa autista, oferecendo suporte personalizado para o desenvolvimento da comunicação, habilidades sociais e acadêmicas. Dessa forma, o Método Teacch figura como uma estratégia que beneficia tanto o desenvolvimento pessoal como o educacional do indivíduo autista.

Observou-se, por meio deste estudo que muitas pesquisas se voltam para a abordagem qualitativa, sendo escassos na literatura estudos observacionais que mostrem na prática como as metodologias, como o Teacch, impactam na formação e inclusão de estudantes autistas. Além disso, é importante notar que não foram encontrados estudos que observem como ocorre o processo de inclusão de alunos autistas no ensino superior. Sendo assim, este trabalho reforça a necessidade de aprofundamento de como o Método Teacch impacta na inclusão de alunos com autismo, desde o ensino infantil até a formação superior, bem como reforça a urgência de medidas que visem a concretização da inclusão desses alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda Saraiva et al. Avaliação de aspectos emocionais e comportamentais de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Aletheia**, v. 54, n. 1, 2021.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. Diagnostic and statistical manual of mental disorders - DSM-5. 5. ed. Washington: American Psychiatric Publishing, 2013.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-IV-TR. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARAÚJO, E. N. A contribuição do método TEACCH para o atendimento psicopedagógico. [Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em psicopedagogia. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba]. 2015.

BANDEIRA, D. R.; SILVA, M. A. Psicodiagnóstico em casos de suspeita de Transtorno do Espectro Autista. **Autismo: Avaliação psicológica e neuropsicológica**, v. 1, p. 43-62, 2017.

BASTOS, R. P.; DE SOUZA, D. C. A prática do ensino estruturado no modelo Teacch face à inclusão escolar do educando com TEA. **Pesquisa e Prática em Educação Inclusiva**, v. 2, n. 4, p. 294-312, 2019.

BISPO, J.; MERELLES, S. Educação inclusiva com foco em crianças autistas e os desafios docentes. **Anais Eletrônicos do VI Seminário Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa (VI SEFELI)**, v. 6, 2021, 2021.

BORTOLINI, T. R. Os desafios enfrentados pelos professores no processo de inclusão e na aprendizagem de alunos com transtorno de espectro autista (TEA). 2022. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/922>. Acesso: 11 out. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm. Acesso em: 11 out. 2023.

BROOME, M.E. Integrative Literature Reviews for the Development of Concepts. In: Rodgers, B.L. and Knafl, K.A., Eds., *Concept Development in Nursing: Foundations, Techniques and Applications*, W. B. Saunders Company, Philadelphia, 2000, 231-250 p.

CABRAL, C. S.; MARIN, A. H. Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática da literatura. **Educação em Revista**, v. 33, 2017.

CABRAL, C. S.; MARIN, A. H. CAMPANHARO, A.S. A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Educação em Revista*, v. 33, 2022

CAMARGO, S. P. H.; SILVA, G. L.; CRESPO, R. O.; OLIVEIRA, C. R.; MAGALHÃES, S. L. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Educação em revista**, v. 36, 2020.

CANCELIER, B. C.; MEDEIROS, J. **A UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA E COM CRIANÇAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO SOBRE O MÉTODO TEACCH**. 31 f. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Florianópolis, 2022.

CANUTO, B. S. de S. **INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: destaques importantes a partir do plano de desenvolvimento individualizado**. 34 f. (Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal Fluminense) – UFF, Angra dos Reis, 2023.

CHIOTE, F. A. B. A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2011.

CÔRTEZ, M. do S. M.; ALBUQUERQUE, A. R. CONTRIBUIÇÕES PARA O DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DE KANNER AO DSM-V. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Brasil, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 864–880, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.4678838. Disponível em: <http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/248>. Acesso em: 30 abr. 2023.

CUNHA, E.; LIRA, M. **O método Teacch® e suas técnicas para o desenvolvimento das habilidades comunicativas em estudantes autistas**. (Curso de Especialização em Educação Especial na perspectiva Inclusiva) - Universidade de Pernambuco. Nazaré da Mata, 2021.

EMILIANO, Daiane Olchanheski. Comunicação e o Desenvolvimento da linguagem de estudantes com transtorno do espectro autista. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa. 2023.

FALCÃO, Emmily Conceição Lima. A inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista e o uso de recursos pedagógicos como mediadores no ensino e aprendizagem. 57 f. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

FERREIRA, M. M. M.; FRANÇA, A. P. O autismo e as dificuldades no processo de aprendizagem escolar. ID on line. Revista de psicologia, v. 11, n. 38, p. 507-519, 2017.

FORTUNATO, A. R. J. **A importância do método TEACCH na inclusão de uma criança autista: estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-escolar) – Universidade do Algarve, Faro, 2015.

HOMOBONO, E. S. O método “Teacch” como influência no desenvolvimento da linguagem de crianças autistas em atendimento na associação de pais e amigos dos autistas do Amapá–Ama-Ap. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 63760-63771, 2021.

Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm Acesso em 30 abr. 2023.

LEMOS, E. L. M. D.; NUNES, L. L.; SALOMÃO, N. M. R. Transtorno do espectro autista e interações escolares: sala de aula e pátio. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 26, p. 69-84, 2020.

LOCATELLI, Paula Borges; SANTOS, Mariana Fernandes Ramos. Autismo: propostas de intervenção. **Revista Transformar**, v. 8, n. 8, p. 203-220, 2016.

MAGALHÃES, Maria Helena Pereira. A inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista: uma análise dos núcleos de atendimento às pessoas com necessidades específicas no Instituto Federal de Goiás. Orientadora: Dayanna Pereira dos Santos. 2021. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Goiás – Campus Anápolis, Anápolis, 2021.

MAS, N. A. Transtorno do espectro autista-história da construção de um diagnóstico. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.47.2018.tde-26102018-191739. Acesso em: 30 abr. 2023.

MORAIS, T. L. C. **Modelo TEACCH: intervenção pedagógica em crianças com perturbações do espectro do autismo**. Orientador: Horácio Pires Gonçalves Ferreira Saraiva. 2012. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Escola Superior de Educação Almeida Garret, Lisboa, 2012.

NASCIMENTO, I.; FERNANDES, A. E. de P. Educação e práticas inclusivas: a criança com Transtorno do Espectro Autista no centro do processo de aprendizagem. Orientadora: Aurélia Emília de Paula Fernandes. 2021. 17 f. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Centro Universitário Ages, Paripiranga, 2021.

OLIVEIRA, Tayara Camila da Costa. Autismo: métodos e técnicas utilizados no processo de ensino e aprendizagem. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

ONZI, F. Z.; GOMES, R. F.. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO E REABILITAÇÃO. *Revista Caderno Pedagógico*, [S.l.], v. 12, n. 3, dez. 2015. ISSN 1983-0882. Disponível em: <<http://www.meep.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/979/967>>. Acesso em: 30 abr. 2023.

PIMENTEL, A. D. A importância da formação de professores e de práticas pedagógicas para a inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista. 2021. Orientadora: Ellen Camargo Rodrigues. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Centro Universitário UNIFG, Guanambi, 2021.

SANTOS, Alessandra Vieira; OLIVEIRA, Isabela Ferreira de. Formação de professores: processo de inclusão de alunos com autismo. 2022. Orientadora: Elisângela Karine Martins. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Positivo, Curitiba, 2022.